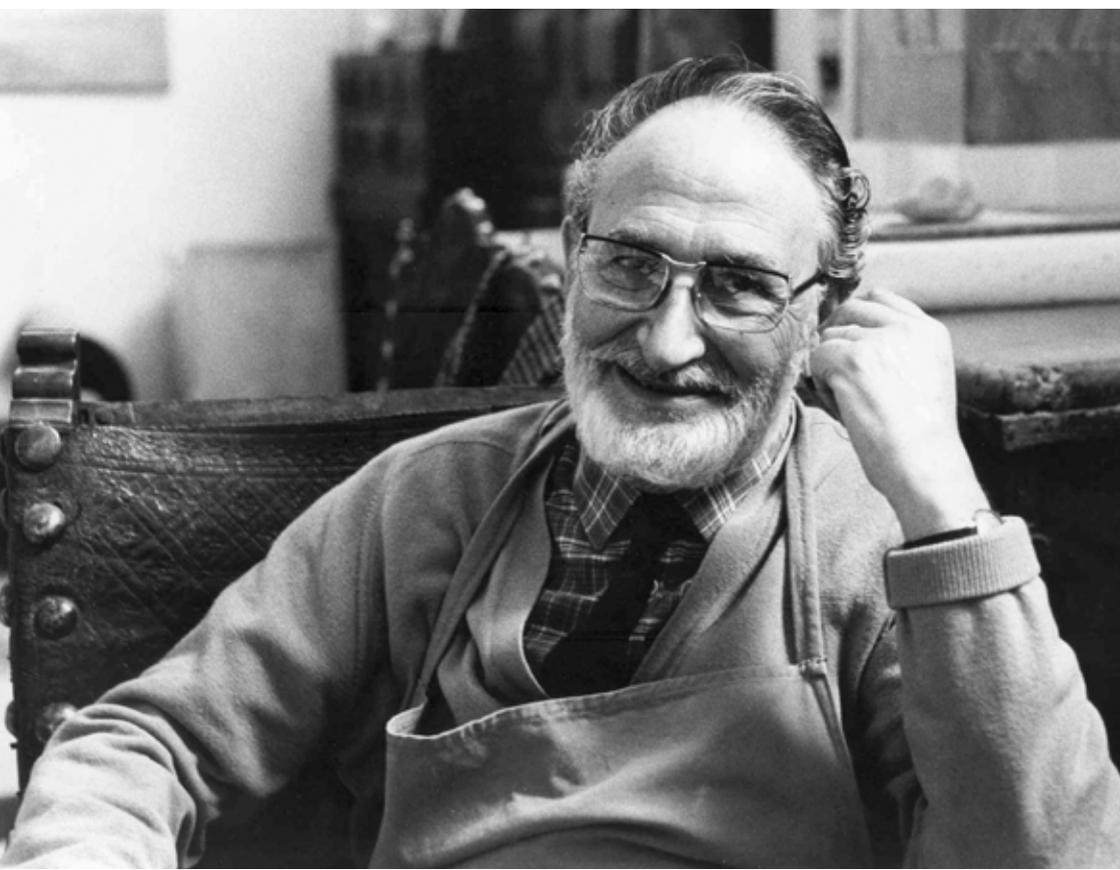


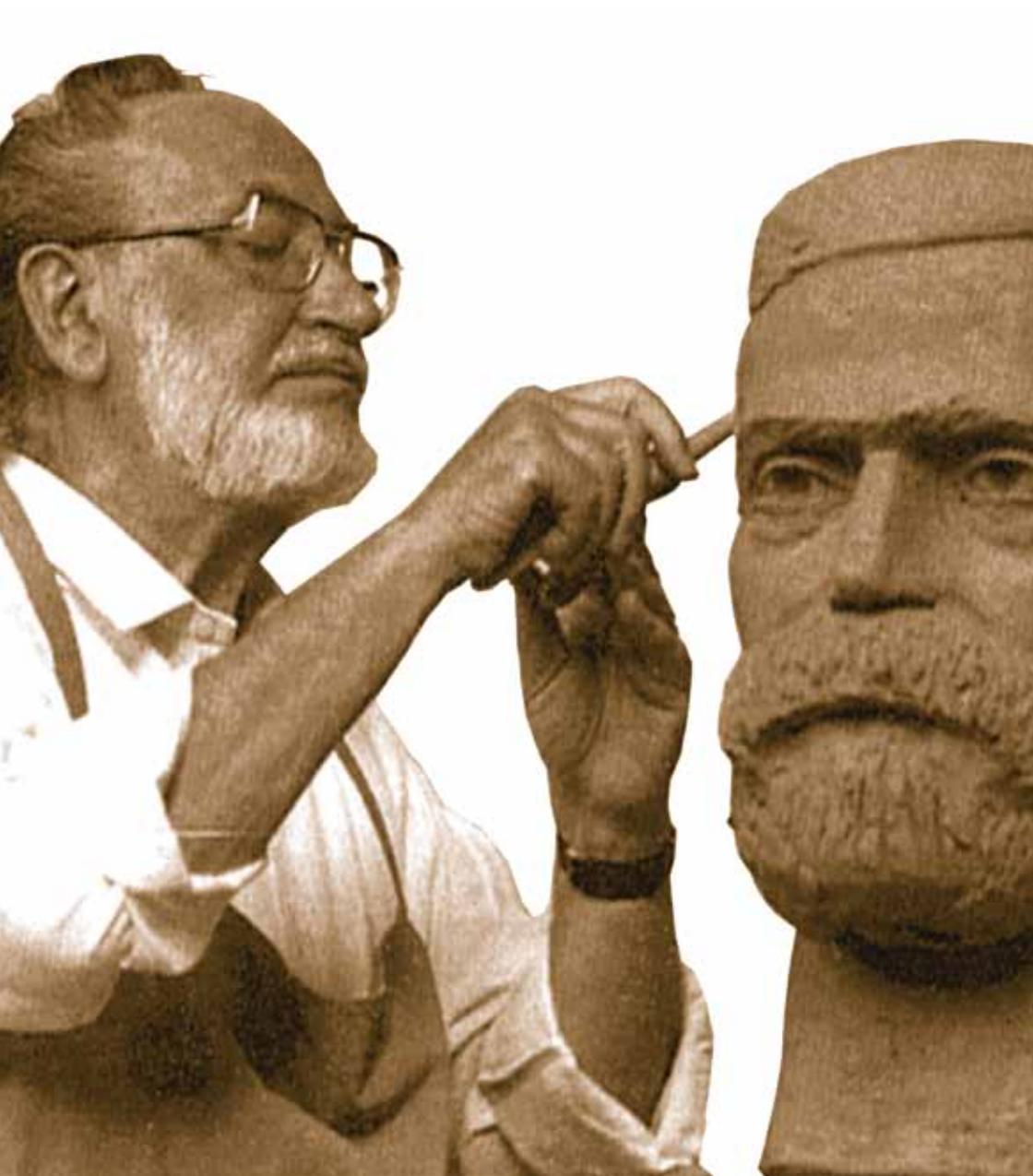
ANTÓNIO DUARTE

Escultor

1912-1998



COMISSÃO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA
Julho 2015



Mestre António Duarte a modelar o Retrato do Escultor Soares dos Reis, no Atelier-Oficina de Belém, em 1989.
Foto: Centro de Artes, Caldas Rainha.

Capa e contra-capá: António Duarte no Atelier-Oficina de Belém, 1983. Foto: Centro de Artes, Caldas da Rainha.

Escultor caldense, autor de peças emblemáticas como os *Cavalos Marinhos* da Praça do Império ou o Santo António da Praça de Alvalade, António Duarte foi um escultor que ainda hoje marca a cidade de Lisboa pela obra exposta que embeleza o espaço público da capital do país.

Lisboa, julho de 2015

Catarina Vaz Pinto

Veredora da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa



António Duarte a trabalhar no baixo-relevo da Rainha Santa Isabel, cimento, 1940. Pavilhão da Formação, Exposição do Mundo Português. Foto: Centro de Artes, Caldas da Rainha



ANTÓNIO DUARTE

1912-1998

António Duarte foi um escultor de origem caldense que em Lisboa deixou obra exposta, com peças emblemáticas como os seus *Cavalos Marinhos* na Praça do Império, em Belém, ou o seu Santo António, no centro da Praça de Alvalade.

De seu nome completo, António Duarte da Silva Santos, nasceu no dia 31 de janeiro de 1912, nas Caldas da Rainha, filho de Joaquim da Silva Santos e de Raquel do Rosário Fialho Santos, como o mais novo de quatro irmãos.

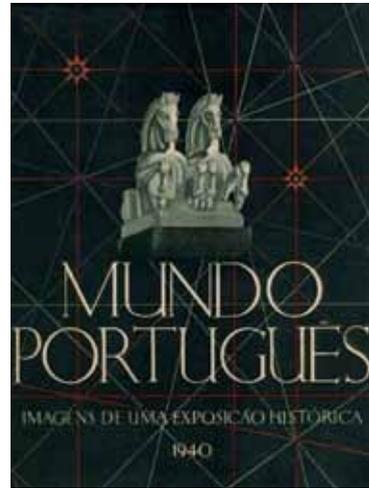
Em 1925, foi aluno do Mestre Francisco Elias na disciplina de iniciação à cerâmica e à escultura, na Escola Comercial e Industrial Rafael Bordalo Pinheiro, e dessa forma conheceu e começou a interessar-se pela arte da escultura.

Já em Lisboa foi discípulo de Simões de Almeida (sobrinho) na escultura e, de Veloso Salgado ⁽¹⁾, no desenho, no Curso de Escultura da Escola de Belas Artes de Lisboa, que terminou no ano de 1943, com a classificação de 19 valores, e apresentando como prova final a escultura *Figura Decorativa*.

Entre uma e outra escola, corria o ano de 1929, António Duarte participou no I Salão de Artistas Caldenses e aqui ganhou destaque no campo do retrato em escultura, o que lhe garantiu a sua 1ª encomenda: um de Camilo Castelo Branco. A partir daqui desenvolveu esta área, a ponto de se tornar o retratista de uma geração inteira de escritores, poetas, artistas e intelectuais, com bustos que vão des-

(1) Dá nome a uma rua de Lisboa, na Freguesia das Avenidas Novas (Edital de 16/09/1960).

de Sophia de Mello Breyner Andresen (1950) (2) até Vitorino Nemésio(3), Ruben A. e Ana Hatherly. Neste particular, são de realçar os seus bustos de Teixeira de Pascoais (4) e de António de Navarro, em barro cozido, que mostrou na Exposição dos Independentes na Sociedade Nacional de Belas-Artes, quando contava apenas 17 anos, em 1930, sendo que depois fez novas versões de ambos, em 1944 e 1950, já em mármore e basalto, o que levou alguns investigadores de arte a considerarem-no o melhor retratista de escultura da sua geração. A importância do retrato no conjunto da obra de António Duarte ficou aliás bem patente em 1983, na Exposição Individual de Retratos que realizou na galeria da ESBAL-Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Em 1978, concluiu o monumento ao Poeta Teixeira de Pascoais, em bronze, para Amarante, no âmbito do centenário do poeta que ele conhecera desde a década de trinta.



Cavalos Marinhos de António Duarte na Exposição do Mundo Português em 1940, Lisboa

(2) O Miradouro Sophia de Mello Breyner Andresen apresenta uma réplica deste busto desde 02/07/2009, dia do 3º aniversário da morte da poeta.

(3) Dá nome a uma rua de Lisboa, na Freguesia de Santa Clara (Edital de 20/11/1978).

(4) Dá nome a uma rua de Lisboa, na Freguesia de Alvalade (Edital de 28/10/1955).



Cavalos Marinhos na Praça do Império de hoje. Foto: Ernesto Matos



Mestre António Duarte a trabalhar na modelação da Estátua de Pedro Teixeira, no Atelier-Oficina de Belém, 1965. Foto: Centro de Artes, Caldas da Rainha

António Duarte defendia o primado do autor na arte, até no retrato, afirmando que o valor da semelhança no retrato poderia ter a duração máxima de 2 ou 3 gerações, enquanto a presença do autor como criador permaneceria enquanto o retrato fosse apreciado como obra de arte.

Ao longo da sua carreira artística, para além do retrato escultórico, também abraçou a estatuária e a medalhística, fazendo uso de materiais tão diversos como a pedra, o bronze, a madeira, o barro ou até o gesso, em todos os casos com sobriedade e formalismo.

Na cidade de Lisboa, a sua obra pública soma 6 peças muito conhecidas. São os 2 grupos escultóricos de mármore intitulados *Cavalos Marinhos* (1940), na Praça do Império, executados para a Exposição do Mundo Português; a estátua de Camilo Castelo Branco (1949) na Avenida Duque de Loulé; a escultura de granito de um nu feminino (1960) no jardim da sede da Fundação Calouste Gulbenkian; o *Monumento a Santo António* (1972) inaugurado a 4 de outubro na Praça de Alvalade (tendo feito também a medalha comemorativa dessa inauguração); *Mãe e Filho* no Parque Eduardo VII e, a estátua em bronze e pedra de Duarte Pacheco, na Avenida homónima, executada em 1991 e inaugurada em 1993.

Ainda em Lisboa, trabalhou na Exposição de Motivos de Lisboa, organizada pela Sociedade Nacional de Belas Artes e Câmara Municipal de Lisboa para as Festas da Cidade de 1935; colaborou na Exposição do Mundo Português de 1940 também com as estátuas de Camões e Cesário Verde para o Jardim dos Poetas e em vários pavilhões; executou um grupo escultórico para a Biblioteca Nacional bem como as estátuas de Santa Isabel, de Nuno Álvares Pereira, de Santo António, de São João de Brito, de São João de Deus e de São Teotónio para o Panteão (1966); e, ainda produziu o busto de Bernardino Machado para o átrio da Assembleia da República, inaugurado em 5 de outubro de 1983.

Considerado por José-Augusto França elemento integrante da

2ª geração de modernistas portugueses, António Duarte deixou vasta obra um pouco por todo o país, embora o maior repositório se encontre no Atelier-Museu Municipal António Duarte, aberto em 1985 nas Caldas da Rainha, ao qual o mestre escultor doou mais de mil obras, da sua autoria e da sua coleção de arte sacra.

É da sua autoria a estátua de Diogo Cão erguida em 1948 em Luanda, em resultado de ter vencido o concurso para esse Monumento, tal como ganhou o concurso para o Monumento a Nuno Tristão na Guiné-Bissau, elaborado com o Arqº. Alberto José Pessoa (5). Saliente-se igualmente o seu baixo-relevo de Nossa Senhora da Boa Estrela, aberto no próprio granito da Serra da Estrela, no Covão de Boi, na década de quarenta do século XX ou o baixo-relevo de São Tiago Menor (1944) para a fachada norte da Câmara Municipal do Funchal. Em 1951 executou o grupo escultórico de pedra calcária que representa as Artes Liberais para a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, um São João de Brito (1954) para o Santuário de Fátima e, em 1955 e 1956, colaborou com o Arqº Filipe Nobre de Figueiredo no concurso para o Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres e, para Faro, concebeu um *D. Afonso III* (1959), para além do seu *D. Sancho I* (1955) na Guarda, do seu *D. Pedro* (1965) em bronze junto ao edifício dos Paços do Concelho de Cascais, de um painel cerâmico no Café Rialto do Porto e, da estátua de José Régio (1984) em Vila do Conde.

Na década de sessenta, António Duarte concebeu diversas peças para tribunais, sendo de destacar as suas estátuas *Lei*, para o Palácio da Justiça de Guimarães, uma *Justiça* (1962) em bronze dourado para o Palácio da Justiça da Madeira, a estátua do jurisconsulto e herói da restauração de 1640 João Pinto Ribeiro para o vestíbulo do Tribunal Judicial da Guarda, bem como uma *Justiça* (1965) em bronze para a fachada principal do Tribunal de Elvas.

(5) Dá nome a uma rua de Lisboa, na Freguesia de Marvila (Edital de 26/12/2001).

A sua participação em exposições foi também extensa, já que desde 1930 integrou os diversos Salões da SNBA – Sociedade Nacional de Belas Artes e, a partir da década seguinte as Exposições de Arte Moderna do SPN/SNI – Secretariado de Propaganda Nacional/Secretariado Nacional de Informação, para além das Exposições de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian em 1957, 1961 e 1986. A sua primeira exposição individual concretizou-a em 1945 e foi de Desenho e Gravura, no Studio do SPN de São Pedro de Alcântara. Em certames internacionais destaque-se a sua participação com baixos-relevos no Pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Paris (1937), na Bienal de Veneza (1950), na Exposição de Artistas Portugueses organizada pelo SNI em Lausana (1950), na I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1951) e na Bienal Hispano-Americana de Barcelona (1955).



Nu Feminino, granito verde, Fundação Calouste Gulbenkian, 1957. Foto: Centro de Artes, Caldas da Rainha



Camilo Castelo Branco, mármore de lioz, na Av. Duque de Loulé, 1949. Foto: Centro de Artes, Caldas da Rainha



António Duarte a trabalhar na Estátua de Avelar Brotero, Atelier-Oficina de Belém, 1971.
Foto: Centro de Artes, Caldas da Rainha

Artista com profundo sentimento estético e rigor expressivo, quer em obras figurativas quer abstratas, António Duarte também cultivou intensamente o desenho e a pintura a óleo, levando sempre consigo um caderno para tomar apontamentos sob a forma de desenhos.

António Duarte foi também um profundo conhecedor do restauro de escultura de pedra, tendo mesmo ocupado o cargo de Conservador-Adjunto do Museu Nacional de Arte Antiga, a partir de 1963, bem como dirigido equipas especializadas em restauro no Museu Calouste Gulbenkian, nomeadamente para a Coleção Patiño e para a Medeiros e Almeida, entre outras. Já em 1941, como estudioso que era, havia realizado estudos de reconstituição de esculturas antigas no Museu Machado de Castro de Coimbra, sob a orientação de Virgílio Correia.

A isto ainda somou o seu trabalho como investigador no campo da História da Arte, a sua docência na Escola de Belas-Artes de Lisboa, entre 1957 e 1982 - a partir de 1964 já Catedrático de Escultura e jubilado em 1984 -, para além da sua apaixonada e criteriosa coleção de arte sacra.

Este artista caldense também se ligou a outras instituições com intervenção artística. Em 1957 foi vogal da Comissão Revisora dos Estatutos da SNBA de que veio também a ser dirigente; em 1959 foi eleito vogal correspondente da ANBA – Academia Nacional de Belas Artes e, efetivo a partir de 19 de maio de 1961, tendo publicado artigos da especialidade na publicação desta Associação, bem como em diversos jornais e revistas portuguesas.

Foi ainda vogal da Junta Nacional de Educação, da Comissão Municipal do Museu da Biblioteca Condes de Castro Guimarães de Cascais (1962-1978), da Secção Cultural, Histórica e Artística do VI Centenário de Cascais (1964), do Conselho Consultivo da Direção do Ministério das Obras Públicas de Lisboa (1969-1971), Procurador à Câmara Corporativa na Secção de Belas-Artes (1971), membro da Academia Nacional de Belas-Artes, diretor da Associação Portugue-

sa dos Amigos dos Moinhos, e do Conselho de Programas da RTP. Foi ainda vogal da Academia Europeia de Ciências, Artes e Letras de Paris, bem como Correspondente Cultural da Academia Brasileira de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Mestre António Duarte conseguiu o seu primeiro prémio em 1940, com os seus trabalhos na Exposição do Mundo Português, cujo livro aliás ostentava na capa os seus Cavalos *Marinhos* e, lhe valeram a Comenda da Ordem Militar de Santiago e Espada. Em 1941 recebeu o Prémio Nacional das Missões Estéticas de Férias da SNBA e, no ano seguinte, o Prémio Mestre Manuel Pereira do SNI, a que se seguiram os prémios Soares dos Reis (em 1944 e 1953) e Domingos Sequeira do SNI (1952), a medalha de ouro no Pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Bruxelas (1958) e, o 1º Prémio de Escultura na II Exposição de Artes Plásticas (1961) da Gulbenkian, para além de ter sido agraciado com as Medalhas de Mérito e de Honra da Câmara Municipal de Caldas da Rainha.

António Duarte está representado em coleções públicas e privadas, de que destacaremos o Museu de Arte Moderna/Museu do Chiado e a Fundação Calouste Gulbenkian, ambos em Lisboa, bem como no Museu José Malhoa nas Caldas da Rainha, no Museu Grão Vasco em Viseu e no Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto.

Na sua vida pessoal arrendou o seu primeiro atelier em 1936, na Rua Azedo Gneco e, dois anos depois casou-se com a pintora Regina Branco, com quem teve um filho - Filipe Duarte Santos - nascido em 1942. Mais tarde, conseguiu outro estúdio em Belém e distribuiu a sua obra e coleção de arte sacra por lá e pelas suas casas de Óbidos, Reguengos de Monsaraz, São Pedro de Moel e, a residência alfacinha no nº 72 da Avenida Infante Santo. Pelos seus ateliers passaram, entre outros, Jorge Vieira ⁽⁶⁾, António Trindade, Fernanda Ruth e João Cutileiro.

(6) Dá nome a Rua da Freguesia de Carnide (Edital de 15/06/2000).



Monumento a Santo António, bronze, Praça de Avalade, 1972.
Foto: Centro de Artes, Caldas da Rainha

António Duarte faleceu em Lisboa aos 86 anos, no dia 2 de março de 1998 e foi sepultado no dia seguinte no jazigo da família Branco Sampaio, no Cemitério do Alto de S. João, em Lisboa.

A Câmara Municipal de Lisboa promoveu a consagração toponímica de António Duarte na cidade de Lisboa, juntando na mesma ocasião, na toponímia da Freguesia de Santa Clara, outros dois nomes das artes plásticas: António Dacosta e Hein Semke.



Rua António Duarte. Foto: Sérgio Dias



BIBLIOGRAFIA

PUBLICADA:

- Proposta de António Valdemar e Appio Sottomayor à Comissão Municipal de Toponímia de Lisboa, de 24 de novembro de 2003
- Proposta nº 238/2009 subscrita pelo Vereador José Cardoso da Silva para atribuir à Rua Interior da malha 27.1 do Plano de Urbanização do Alto do Lumiar o topónimo Rua António Duarte, aprovada por unanimidade na sessão de Câmara de 11 de novembro de 2009

DOCUMENTAL:

- (1988) «António Duarte: 'O ideal português na escultura é megalítico», *Leonardo*, nº 2, junho de 1988, pp.29 - 37
- Augusto-França, José (1985), *A Arte em Portugal no século XX*, Lisboa: Bertrand Editora
- Conde, Joana Beato (2011), «Estudo e musealização da coleção de arte sacra do Atelier-Museu António Duarte nas Caldas da Rainha», dissertação orientada pelo Prof. Doutor Fernando António Baptista Pereira para o Mestrado de Museologia da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, acedido em maio de 2015 em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6531/2/ULFBA_TES482.pdf
- Dias, Heitor (s/d), «Retrato para António Duarte», acedido em maio de 2007 em <https://www.heitordias.interdinamica.pt/artes/dia/x1yv1w.htm>
- RTP (1971), *António Duarte*, acedido em maio de 2015 em <http://www.rtp.pt/arquivo/index.php?article=1466&tm=23&visual=4>



FICHA TÉCNICA

Edição | Câmara Municipal de Lisboa

Presidente | Fernando Medina

Pelouro da Cultura | Catarina Vaz Pinto

Direção Municipal de Cultura | Manuel Veiga

Departamento do Património Cultural | Jorge Ramos de Carvalho

Título | António Duarte

Textos | Paula Machado

Design | Ernesto Matos

Tiragem | 200

Ano | 2015

Depósito Legal | 395497/15

Execução gráfica | Imprensa Municipal de Lisboa

Agradecimentos | A Rita Sáez e Centro de Artes, Caldas da Rainha, pela cedência de fotografias.

RUA ANTÓNIO DUARTE



Início (Sul)

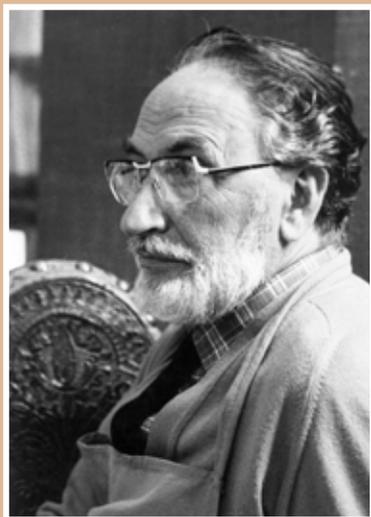
$38^{\circ}47'07.7''\text{N } 9^{\circ}08'57.0''\text{W}$

38.785464, -9.149178

Fim (Norte)

$38^{\circ}47'12.9''\text{N } 9^{\circ}08'57.8''\text{W}$

38.786915, -9.149395



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

COMISSÃO
MUNICIPAL
DE TOPONÍMIA

CEN
TRO
DAR
TES

CALDEAS DE TAÍSSO